

O mundo, em Salvador

DURANTE SETE DIAS, OS OLHARES CIENTÍFICOS E DA PRÁTICA FARMACÊUTICA DO MUNDO INTEIRO ESTIVERAM ATENTOS A SALVADOR (BA), ONDE FOI REALIZADO O CONGRESSO MUNDIAL DE FARMÁCIA E CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS 2006 E O 66º CONGRESSO INTERNACIONAL DA FIP. A CAPITAL BAIANA FOI UM PONTO DE ENCONTRO DO MUNDO FARMACÊUTICO.

66º Congresso da FIP

A Autoridades, farmacêuticos e jornalistas de 89 países de todos os continentes lotaram, na tarde do dia 27 de agosto, um domingo, o principal auditório do Centro de Convenções da capital baiana, para assistir à solenidade de abertura do **Congresso Mundial de Farmácia e Ciências Farmacêuticas 2006** e o **66º Congresso Internacional da FIP**, realizado pela Federação Farmacêutica Internacional em parceria com o Conselho Federal de Farmácia (CFF).

Aproximadamente três mil pessoas de diferentes nacionalidades, tendo o inglês como a língua oficial do evento, acompanhavam, com tradução simultânea, os discursos e falas do cerimonial. O ato foi marcado pelos pronunciamentos dos Presidentes da FIP, Jean Parrot, e do CFF, Jaldo de Souza Santos, e do Ministro da Saúde, Agenor Álvares.

O Coral Jovem do Liceu de Artes de Salvador e a Orquestra de Berimbau da Bahia levaram a arte e o rico folclore baiano para os ouvidos e olhares maravilhados dos participantes, quebrando um tanto da formalidade da solenidade.

O evento iniciou-se, no dia 25, e se encerrou, no dia 31 de agosto de 2006. Foram sete dias em que o mundo farmacêutico encontrou-se, no Brasil, para discutir, projetar, planejar e buscar respostas aos grandes desafios que a humanidade faz aos farmacêuticos, como a produção de medicamentos para a cura de doenças ainda intratáveis e o acesso universal aos serviços farmacêuticos.

"Promovendo inovações em cuidados ao paciente" foi um tema-guia do Congresso e tem a ver com as novas conquistas tecnológicas e com a expansão dos cuidados profissionais focadas na farmácia comunitária e na assistência farmacêutica global aos usuários de medicamentos.

De incrível riqueza, o evento trouxe à discussão outros temas da atualidade farmacêutica, como "O futuro da farmacoterapia tradicional e os efeitos nos cuidados ao paciente", "Medicamentos-alvo - visões de futuro", "Vias tradicionais e alternativas na rede de fornecimento", "Biotecnologia e desenvolvimento de novos fármacos".

SUPERLATIVO – Mas isso é só uma mínima citação do seu complexo programa. O Congresso foi tão superlativo em seus sete dias de realização, gerando, como uma grande

usina de informações, uma quantidade incontável de notícias, que é praticamente impossível trazer amiúde a esta revista tudo o que, lá, aconteceu.

Para se ter uma idéia, veja estes números: cerca de 50 programas, cada um abordando diferentes assuntos em seminários, palestras, mesas redondas, *workshops*, fóruns, painéis, reuniões; 3.000 farmacêuticos entre lideranças do setor, pesquisadores e profissionais das ciências e da atenção farmacêutica de 89 países; cerca de 60 jornalistas de todos os continentes, e um volume jamais visto de fatos gerados num único evento. Estes números marcaram o **Congresso da FIP**.

Se, por um lado, mereceu elogios de lideranças, congressistas e convidados pela sua organização impecável, por outro, o Congresso provocou comentários sobre a riqueza e diversidade do seu vasto programa. Para o Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, por exemplo, foi uma oportunidade rara para o farmacêutico brasileiro romper limites e atualizar-se com o que há de mais moderno nas ciências farmacêuticas, no mundo.

Outras lideranças realçaram também o fato de o evento propiciar o acesso às diferentes práticas farmacêuticas. Enquanto isso, congressistas apontavam o poder que o evento tem de unir farmacêuticos de todo o mundo, gerando a troca de experiências entre eles. Estar, na capital baiana, foi também citado como um ponto positivo por muitos congressistas. Eles aproveitaram para conhecer os pontos turísticos da cidade, a arte – tanto o barroco, presente nos afrescos e arquitetura das igrejas, quanto a música – e o folclore.

O Presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos, disse que o farmacêutico brasileiro tem muito do que honrar o fato de este Congresso da FIP ter sido realizado, no Brasil. O CFF teve que disputar a sua sede com outros países, como a Espanha. E venceu a disputa. Assim, a América Latina tornou-se, pela primeira vez, sede deste que é o maior evento mundial do setor.

Salim Tuma Haber, Tesoureiro do CFF e integrante do Comitê Organizador do Congresso, foi taxativo: "A sua organização foi impecável e chamou a atenção, também, o grande número de participantes de outros países". Vieram 2.054 farmacêuticos de fora do Brasil.

“Se as doenças não têm fronteiras, os medicamentos também não devem ter”

(Jean Parrot, em seu último discurso como Presidente da FIP)



Jean Parrot, em seu último discurso como Presidente da FIP, declarou que a evolução do papel do farmacêutico, no coração do sistema de saúde, tornou-se assunto obrigatório.

Foi o seu último pronunciamento como Presidente da Federação Farmacêutica Internacional. Quatro dias depois, o Conselho da FIP elegeu o indiano Kamal Midha o seu sucessor. O francês Jean Parrot, com a eloquência de sempre, abriu a série de discursos, lembrando a expansão da FIP, no mundo.

Informou que a Federação conta atualmente com 114 associações membros de 83 países aos quais tem levado conhecimentos científicos. A FIP, salientou, reforçou, em sua gestão, as relações de colaboração com a

OMS (Organização Mundial da Saúde), o que possibilitou que o farmacêutico fosse incluído nas políticas destinadas a satisfazer as necessidades de saúde dos pacientes, em todo o mundo.

A maior participação junto à OMS permitiu, ainda, a criação de uma plataforma de aperfeiçoamento e valorização das ações dos farmacêuticos na implementação de políticas sanitárias coordenadas, adaptadas às necessidades das populações de todos os continentes. Parrot destacou ainda a expansão da colaboração da Federação com as organizações representativas das outras profissões da saúde em nível internacional. Ele citou a *World Health Professionals Alliance*, fundada em 1999, e que desenvolve um trabalho comum entre médicos, odontólogos, farmacêuticos e enfermeiros.

“A prioridade dessa Aliança deve ser a criação de iniciativas e protocolos multidisciplinares de prestação de cuidado de saúde ao paciente, em que a contribuição específica de uma profissão dá continuidade à contribuição das

outras. Deste modo, é fundamental eliminar a discrepância entre a qualidade dos cuidados prestados, nos hospitais e fora deles. A falta de uniformidade existente entre a comunidade e os hospitais é efetivamente fonte de erros e de desperdício. Essa discrepância pode, por vezes, reduzir e até comprometer a qualidade dos cuidados de saúde, diminuindo mesmo a probabilidade de cura do paciente”, discorreu Jean Parrot.

CONFRONTO DE REALIDADES - O dirigente da FIP falou que atualmente a profissão está confrontando um desafio representado pelo seu contingente, no mundo, com aspectos demográficos, tanto em países desenvolvidos, quanto em desenvolvimento. “É evidente que a situação desses países em vias de desenvolvimento é muito pior, porque a falta de profissionais de saúde, de infra-estruturas para empregá-los e de medicamentos leva à morte de milhões de pacientes por doenças que sabemos curar”, declarou Jean Parrot para uma atenta platéia de cerca de 3 mil pessoas, entre po-

“É evidente que a situação dos países em vias de desenvolvimento é muito pior, porque a falta de profissionais de saúde, de infra-estruturas para empregá-los e de medicamentos leva à morte de milhões de pacientes por doenças que sabemos curar”.

66º Congresso da FIFP

líticos, farmacêuticos e jornalistas de 89 países.

Jean Parrot lembrou que a migração de talentos agrava mais ainda a situação. "A 'fuga dos cérebros' dos países com recursos escassos para os países ricos agrava uma situação que, já por si, é difícil", apontou ele. Lembrou que os estudantes dos países em desenvolvimento vão buscar formação, em países desenvolvidos, e, cada vez mais, acabam permanecendo, ali. "Medidas de motivação deveriam encorajar os profissionais a ficar, ou a retornar aos seus países de origem e, ali, exercerem sua profissão, beneficiando os mesmos com a sua competência", apelou.

FORMAÇÃO – A criação de novas faculdades de Farmácia, nos países em desenvolvimento, torna-se uma exigência, segundo Parrot. Ele apelou: "Os países industrializados poderiam apoiar as faculdades dos países em desenvolvimento, enviando professores". Disse que esse é uns dos melhores meios de incentivar os alunos a construir as suas vidas profissionais, nos seus próprios países.

O Dirigente da FIP previu que novas profissões deverão ser criadas, para trazer uma resposta às necessidades extremas e não satisfeitas de cuidados. Imagina que será necessária a formação de profissionais de um nível intermédio, para resolver problemas simples de saúde, ou para fornecer cuidados básicos, sob a responsabilidade de um médico ou de um farmacêutico.

Mas advertiu: "A respeito dos farmacêuticos propriamente ditos, devemos ser bem vigilantes, para evitar uma tendência para a entrega de diplomas, após uma forma-

"A respeito dos farmacêuticos propriamente ditos, devemos ser bem vigilantes, para evitar uma tendência para a entrega de diplomas, após uma formação demasiadamente breve - de dois anos, por exemplo".

ção demasiadamente breve - de dois anos, por exemplo". Alertou que a qualidade dos atos profissionais seria gravemente afetada, se a redução do tempo de formação for reduzida a esses níveis. "A nossa profissão não pode confundir-se com a de técnicos, nem de simples vendedores de caixas", advertiu.

O FARMACÊUTICO, O ENVELHECIMENTO E AS DOENÇAS

O envelhecimento da população, na maioria dos países desenvolvidos, vai, de acordo com Jean Parrot, aumentar as necessidades de profissionais e de serviços em saúde. "Claro que ainda devemos desenvolver a prevenção e a utilização mais racional dos recursos humanos existentes", contrapôs. Mas as autoridades políticas, observou, devem reconhecer que o aumento das necessidades de profissionais é uma tendência de peso e irreversível, e a sociedade deve se preparar para isso.



Quanto às doenças, advertiu que a situação sanitária internacional continua muito preocupante. "Nós devemos continuar a nos mobilizar, para fazer recuar pandemias, tais como a Aids, a tuberculose, a leishmaniose, a doença do sono, e nos preparar para lutar contra o perigo da gripe aviária", conclamou.

Ele deu realce à situação da Aids. "Vinte e cinco anos após seu aparecimento, a epidemia da Aids ainda está presente, devastadora,

com números assustadores. Sesenta e cinco milhões de pessoas contraíram a doença, 25 milhões morreram. Quarenta milhões de pessoas estão atualmente doentes, no mundo. Além dos doentes, a Aids destrói a vida das famílias e das sociedades mais afetadas, onde o desenvolvimento é obstruído, principalmente, nos países emergentes. A expectativa de vida das populações diminui. Este é um indicador capital".

Ao nível de governo, novas ações tomaram forma, este ano. A comunidade internacional se comprometeu com um acesso universal aos tratamentos anti-HIV e em inverter a progressão da doença, até 2015", anunciou o Presidente da FIP, em seu último discurso no cargo.

As medidas estão em encontrar fontes permanentes que permitam reunir as quatro condições necessárias ao sucesso:

- educar as populações, a fim de combater os comportamentos de risco;
- dispor de serviços de cuidados adequados;
- disponibilizar medicamentos seguros e suficientemente baratos;
- aplicá-los em condições que garantam o bom uso e, portanto, a sua eficácia.

"Os farmacêuticos se situam no centro de toda essa problemática", situou Jean Parrot. Ele concluiu o seu discurso, garantindo que a evolução do papel do farmacêutico, no coração do sistema de saúde, tornou-se finalmente um assunto completo e objeto dos trabalhos comuns entre a FIP e a OMS.

“Sejamos uma convulsão farmacêutica em favor do homem, da saúde, da vida”

(Jaldo de Souza Santos, Presidente do CFF)



Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos: “Este Congresso é um indicativo de nossa ânsia de crescimento”

O PRESIDENTE DO CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, JALDO DE SOUZA SANTOS, FEZ UM DISCURSO, NA ABERTURA DO 66º CONGRESSO MUNDIAL DA FIP, EM SALVADOR, EM QUE APRESENTA ÀS AUTORIDADES, AOS FARMACÊUTICOS E À IMPRENSA A NOVA REALIDADE DA PROFISSÃO, NO PAÍS, E DE SUA CAPACIDADE DE TRANSFORMAR A SAÚDE. VEJA O DISCURSO, NA ÍNTEGRA.

Senhoras e senhores de todas as nacionalidades, eu os cumprimento com a emoção dos vitoriosos. Não uma vitória pessoal minha, mas de toda a categoria de farmacêuticos brasileiros, hoje, reunindo cerca de 100 mil profissionais, em todo o País, os quais represento, aqui, com indescritível orgulho.

Sinto-me vitorioso, porque vem-me à mente o ano de 2000, quando busquei travar, dentro do Conselho Federal de Farmácia, uma luta contra o descompasso em que se achava o órgão e a própria categoria em relação ao seu tempo e ao seu espaço.

E, então, juntando todas as minhas forças e as dos meus amigos, procurei conduzir o Conselho no sentido de romper quaisquer fronteiras que o separavam de sua cronologia e do contexto internacional, porque, em verdade, seria o farmacêutico brasileiro quem estaria sendo levado a um território que não admite demarcações. E, assim, conseguimos filiar o Conselho Federal de Farmácia à FIP (Federação Farmacêutica Internacional).

Mas a ousadia farmacêutica voltou a nos guiar, a nos inspirar e, então, conseguimos trazer para o Brasil – e, pela primeira vez, em toda a América Latina – o mundialmente disputado Congresso Mundial da FIP.

Mal posso lembrar o momento em que recebi, no ano passado, a bandeira da FIP, no Cairo, no Egito, das mãos do Presidente da entidade, o Dr. Jean Parrot, para trazê-la para o Brasil, País sede do Congresso deste ano. Esteve em meu Gabinete, como a nos lembrar desta conquista e a nos cobrar o desafio de participar da organização deste grandioso evento.

Ao receber a bandeira da FIP, no Egito, por ocasião do Congresso anterior, deu-se a conexão de uma das mais antigas civilizações do mundo, a egípcia, com uma das mais novas culturas do ocidente, a brasileira, o que prova a atemporalidade da Farmácia, uma das mais antigas atividades humanas na área da saúde e, ao mesmo tempo, uma das profissões do futuro. O ato representou, ainda, a vastidão de visão da FIP,

que não escolhe cor, raça, língua, nem mede distância para levar o desenvolvimento científico.

Os Congressos da FIP são um passaporte para a atualização científica e da prática farmacêutica. É onde o mundo se encontra, uma vez ao ano, para refletir, para discutir, para estudar novos pensamentos e novos fazeres farmacêuticos. E sempre com vistas à melhoria da qualidade de vida das populações. Agora, é a vez de Salvador ser a capital mundial da Farmácia.

Estão, aqui, entre nós, algumas das maiores autoridades mundiais da Farmácia, como os doutores Jean Parrot, francês, Presidente da FIP; Peter Kielgast, dinamarquês, Ex-presidente da FIP e Presidente da Fundação desta Federação; John Gans, norte-americano, Presidente da Associação Farmacêutica da América do Norte; Aquiles Arancibia, chileno, Presidente do Fórum Farmacêutico das Américas; Blás Vasquez, paraguaio, Ex-presidente da Federação Farmacêutica Sul-americana e Diretor do Fórum Farmacêutico das Américas, e tantas outras excelências farmacêuticas do mundo inteiri-

66º Congresso da FIP

ro. Estes homens firmaram as suas posições de maiores lideranças farmacêuticas do planeta.

Mas eu gostaria de manifestar a minha imensa alegria e orgulho, também, pela presença do excelentíssimo senhor o Ministro da Saúde, Dr. Agenor Álvares. O Ministro, farmacêutico como a maioria de nós, é um homem dedicado à prática e aos estudos da saúde pública.

A sua sensibilidade política e sua competência técnica, esperamos, levarão à conclusão do processo de inclusão do serviços farmacêuticos na atenção básica pública, situação que seguramente irá causar um grande impacto positivo na saúde brasileira.

Estarmos, aqui, é como participarmos de uma luta do bem, pois visa a encontrar respostas científicas para os males que afligem a humanidade, para superar os desafios impostos pelas doenças. E são tantos os desafios.

A Aids, a febre amarela, a hepatite c, a falta de acesso aos medicamentos essenciais e especiais, a necessidade de um avanço urgente da terapia genômica, a ausência de serviços farmacêuticos nas farmácias privadas e nos serviços públicos. Todos estes - e tantos outros - são desafios que pesam sobre os ombros dos farmacêuticos.

Para nós, brasileiros, este Congresso é um indicativo de nossa ânsia de crescimento; é o ponto máximo da efervescência por que passa a nossa profissão. Uma fervura que está revolvendo camadas mais profundas da Farmácia e apontando os mais belos rumos para a saúde e para o farmacêutico.

Somos, hoje, mais conscientes de nossas responsabilidades sociais enquanto profissionais da saúde, mais qualificados técnica e cientificamente para os nossos serviços, e movidos por um desejo



ardente de novos conhecimentos.

Nós crescemos em qualidade e em quantidade; ampliamos, com incrível complexidade, o arco de compreensão do próprio paciente enquanto ser humano, e do ser humano enquanto paciente; absorvemos novas missões e tecnologias; diversificamos o arco de nossas atuações.

Tenho orgulho de dizer que o Conselho Federal de Farmácia é um dos grandes dinamizadores e articuladores desta transformação no seio da profissão, como de muitas outras conquistas. Exemplos são a inserção do farmacêutico na atenção básica pública, cujo processo está em fase conclusiva; a mudança no ensino de Farmácia nas Universidades, da qual resultou a adoção das Diretrizes Curriculares; bem como as discussões que nós lançamos, com vistas a substituir este modelo arcaico e pernicioso de farmácia privada por um mais identificado com as questões sanitárias.

Este modelo perverso faz da farmácia uma mercearia, do medicamento uma mercadoria, do paciente um consumidor. Este modelo está em ruína e precisa ser substituído por um que contemple a farmácia como estabelecimento de saúde, onde a população tenha acesso não só ao medicamento,

“Nós crescemos em qualidade e em quantidade; ampliamos, com incrível complexidade, o arco de compreensão do próprio paciente enquanto ser humano, e do ser humano enquanto paciente; absorvemos novas missões e tecnologias; diversificamos o arco de nossas atuações”.

mas aos serviços farmacêuticos.

Queremos um modelo que foque a farmácia como um espaço para campanhas sanitárias educativas e de vacinação, e onde a população possa ir se aconselhar sobre saúde

de com o farmacêutico. Não nos esqueçamos de que a população tem no farmacêutico um aliado. Quando precisar dos serviços deste profissional, a população não necessitará agendar o atendimento, nem pagar por ele.

Pois bem, trazer todo este cabedal de importantes assuntos ao centro das discussões e dos estudos, na busca de enfrentar os grandes desafios que o mercado e a humanidade fazem à ciência farmacêutica, enche-me de uma emoção muito especial. Estamos materializando este sonho, aqui em Salvador, como em outros lugares deste País.

Eu gostaria de lembrar uma declaração do crítico literário Agripino Grieco sobre o espírito inquieto do poeta baiano Castro Alves e sobre a sua poesia destemida e explosiva. Segundo Grieco, “Castro Alves não era um ser humano, mas uma convulsão da natureza”.

Meus queridos colegas brasileiros e de todas as nacionalidades, sejamos uma convulsão farmacêutica em favor do homem, da saúde, da vida.

Muito obrigado.

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho
Federal de Farmácia.

Kamal Midha é o novo Presidente da FIP

QUE PRETENDE FAZER O FARMACÊUTICO E CIENTISTA INDIANO À FRENTE DA FEDERAÇÃO FARMACÊUTICA INTERNACIONAL (FIP)?

QUEM É ESTE CIDADÃO DO MUNDO QUE VIVE, DE PAÍS EM PAÍS, LEVANDO A BANDEIRA DAS CAUSAS FARMACÊUTICAS?

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista.



Farmacêutico Kamal Midha

Kamal Midha traz os traços inconfundíveis de sua origem indiana. Fala, olhando nos olhos do interlocutor, mas não esconde uma certa timidez; é direto, mas cauteloso; os seus gestos são parcimoniosos, mas incisivos, e tem uma visão comunitária do mundo e das lutas que precisam ser travadas no seio da profissão. Ele é principalmente um cidadão do mundo. Tem escritórios, no Canadá, em Londres e nas Bermudas, e vive, de país em país, mergulhado em suas pesquisas científicas, em suas conferências, e levando a bandeira das causas farmacêuticas. O farmacêutico Kamal Midha é o novo Presidente da FIP (Federação Farmacêutica Internacional). Foi eleito, em Salvador, durante o 66º Congresso Internacional da entidade, realizado, de 25 a 31 de agosto, e substituirá o francês Jean Parrot.

Midha estudou Farmácia, na Índia, e obteve o seu doutorado pela Universidade de Alberta, Edmonton, no Canadá, e outro doutorado científico pela Universidade de Saskatchewan, também, no Canadá, mesma instituição onde é professor adjunto (nos colégios de Farmácia e Nutrição, e Medicina). Na mesma Universidade, preside o Conselho de *Pharmalytics inc.*, um instituto de pesquisa sem fins lucrativos. Desde 1980, Kamal Midha vem se envolvendo com a FIP, quando passou a ser *expert* executivo da entidade. Oito anos depois, elegeu-se Presidente do Conselho de Ciências Farmacêuticas (BPS) e Vice-presidente da Federação. Graças a sua liderança junto ao BPS, a FIP elaborou um programa científico destinado

a farmacêuticos de diferentes regiões do mundo. A biodisponibilidade, a bioequivalência, a farmacocinética, a farmacodinâmica e a bioanálise são temas sobre os quais Midha mais tem abordado em conferências internacionais voltadas ao desenvolvimento da ciência. Ele já recebeu algumas das mais altas honrarias conferidas a cientistas, no mundo inteiro.

Em Salvador, ele deu uma entrevista exclusiva à revista PHARMACIA BRASILEIRA (PB), traduzida pela farmacêutica e tradutora Denise Bitar, em que fala do memento farmacêutico, no mundo. Mas, antes, numa entrevista coletiva, respondendo a uma pergunta da **PB** sobre o que a FIP pode fazer para somar os seus esforços aos do Conselho Federal de Farmácia em favor da participação dos farmacêuticos na saúde pública e da expansão da atenção farmacêutica, no País, ele respondeu: "O Dr. Jaldo, Presidente do Conselho Federal de Farmácia do Brasil, tem mostrado um grande sucesso como líder farmacêutico, e as palavras do Ministro da Saúde (NR.: *Agenor Álvares*) deixaram-me muito impressionado. Tudo isso tem muito a ver com as mudanças na saúde, no Brasil. Para implementar mudanças e incluir o farmacêutico nos serviços, é preciso investir em educação, em novas informações, em novos fazeres. E vocês, jornalistas, precisam levar essas novas informações e abordagens às autoridades, aos políticos. É importante ter um Ministro da Saúde farmacêutico. Ele poderá ser o embaixador dessas mudanças". **Veja a entrevista.**

66º Congresso da FIP

"É minha prioridade desenvolver o papel do farmacêutico como um praticante da saúde, de forma que ele seja ouvido, respeitado; de sorte que a gente possa aperfeiçoar a segurança, a eficácia, a melhoria da qualidade dos medicamentos".

PHARMACIA BRASILEIRA
– Dr. Kamal, quais são as suas prioridades à frente da FIP?

Kamal Midha – Para começar, vou assumir um *posto de observação*, ouvir o maior que puder as sugestões de todas as organizações membros; saber as expectativas e as visões dessas organizações. Então, irei sintetizá-las, analisá-las e examiná-las para, só depois, elaborar um plano para o mandato de quatro anos.

A seguir, vou avaliar um plano de ação e ver o que posso realizar com os recursos disponíveis. Isso será feito junto aos Ex-presidentes Jean Parrot e Peter Kielgast, além de toda a diretoria e demais lideranças. Será assim que irei desenvolver as estratégias de ação.

Os objetivos a serem alcançados são os seguintes: contribuir com o novo papel dos farmacêuticos na área da saúde e não apenas no atual papel; desenvolver e expandir o seu papel nos sistemas de saúde. Mas, dentro da FIP, quero aumentar a defesa da conexão entre os órgãos fundadores e suas interações com os membros de todos os países.

É prioridade desenvolver o papel do farmacêutico como um praticante da saúde, de forma que ele seja ouvido, respeitado; de sorte que a gente possa aperfeiçoar a segurança, a eficácia, a melhoria da qualidade dos medicamentos.

Isso é o que espero fazer. Quero fazer planos, sim, mas sem pressa.

PHARMACIA BRASILEIRA
– Quais são os grandes desafios que a humanidade impõe aos farmacêuticos, hoje? E como o farmacêutico poderá enfrentá-los com sucesso?

Kamal Midha – Os desafios diferem, baseados em questões sócio-econômicas, culturais e educacionais. Na África, o problema é a Aids, enquanto que, nos países desenvolvidos, o papel do farmacêutico no manejo de doenças seria conseguir serviços gratuitos de saúde, devido ao seu alto custo. Se eu falar, globalmente, que o problema africano é maior que o europeu, estaria equivocado.

PHARMACIA BRASILEIRA
– A qualidade dos serviços farmacêuticos foi muito abordada neste Congresso da FIP por profissionais de todo o mundo. Como o senhor



avalia este aspecto da profissão, no mundo: a qualidade dos serviços? Existe uma crise na qualidade?

Kamal Midha
– Não há uma crise na qualidade dos serviços. A preocupação de todos é com a qualidade dos resultados dos serviços. Queremos que os gover-

nos vejam a qualidade diferente, de acordo com os resultados dos serviços prestados.

Como farmacêutico, queremos ver o medicamento com qualidade, a segurança do paciente e ter um papel mais amplo na atenção à saúde, a partir das políticas que podem fornecer serviços, que tenham valor terapêutico assegurando a qualidade de vida e boa saúde para as pessoas.

PHARMACIA BRASILEIRA
– A desregulamentação na área farmacêutica, em muitos países, é uma ameaça à profissão? Como enfrentá-la?

Kamal Midha – Acho que sim. Nos lugares onde isso acontece, pode ser percebido como uma ameaça. Para mim, os governos desses países não estão reconhecendo o farmacêutico, a importância dos seus serviços. Talvez, isso aconteça, devido ao custo muito elevado da saúde, nesses lugares.

E os políticos, as autoridades, nesses casos, estão espremendo a profissão farmacêutica e os medicamentos, ao invés de avaliar qual seria a melhor solução para resolver os problemas relacionados ao alto custo da saúde. É como olhar apenas os preços e não o valor dos medicamentos. Então, temos que educar essas autoridades.

PHARMACIA BRASILEIRA
– Que sugestões e propostas o senhor encaminhará à OMS, na área farmacêutica, para os próximos dez anos?

Kamal Midha – A FIP tem uma relação de trabalho com a OMS excelente. Temos construído espaços que afetam as áreas onde os problemas estão atuando. A FIP também tem se tornado uma parte importante da aliança de saúde global. E esta relação inclui a Associação Mundial de Saúde, o Conselho Internacional de Enfermagem, a Federação Internacional de Odontólogos e Higienistas.

Coletivamente, esta aliança faz com que tenhamos uma influência muito maior junto à OMS. Entendo que as ações da OMS dirigidas ao setor farmacêutico, através da FIP, são um processo lento, mas está realmente acontecendo.

"Acho que a desregulamentação é uma ameaça à profissão, sim. Para mim, os governos dos países que estão desregulamentando não estão reconhecendo o farmacêutico, nem a importância dos seus serviços".



Farmacêutica francesa Michèle Boiron,
Diretora do Laboratório Boiron

Boiron. O Brasil vai falar muito este nome

O LABORATÓRIO BOIRON, FRANCÊS, LÍDER MUNDIAL NA PRODUÇÃO DE MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS, ESTÁ CHEGANDO AO BRASIL. A PHARMACIA BRASILEIRA ENTREVISTOU A DIRETORA DA EMPRESA, MICHÈLE BOIRON.

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista.

Novidade na homeopatia. Estão chegando ao Brasil os produtos do Laboratório Boiron. A indústria francesa, sediada em Lion, é líder mundial na produção de medicamentos homeopáticos. Os seus produtos, distribuídos, em 60 países, como *medicamentos de componente único*, a partir de 3.500 insumos ativos, cada um deles podendo ser preparado em uma enorme gama de diferentes diluições, e *como medicamentos homeopáticos compostos*. Nesta última variedade, encontram-se as misturas de insumos ativos, dispensados sem prescrição (ou de livre dispensação). A Boiron emprega 3.500 pessoas, em todo o mundo, apresenta um faturamento de 500 milhões de Euros / ano e é cotada no mercado de bolsas francês. "Se a Boiron tem, hoje, este faturamento, não é por força comercial, mas porque consegue se antecipar às exigências das agências reguladoras de todo o mundo, primando pela qualidade dos seus produtos", justifica Michèle Boiron, 62 anos, farmacêutica pela Faculdade de Farmácia de Lion, Diretora de Desenvolvimento e Promoção de Homeopatia do laboratório. Michèle gosta de lembrar a rica história da empresa, que remete aos anos 20 do século XX, e que é a própria história deste ramo da Medicina e da Farmácia legado por Samuel Hahnemann, no século XVIII. A farmacêutica cita o pioneirismo do médico francês Leon Vannier. Foi ele quem inaugurou uma nova era no setor, ao criar o primeiro laboratório homeopático, na França, em 1926. Até então, cada médico preparava os medicamentos dos seus pacientes. Em 1932, outro laboratório foi criado, na França (em Lion), desta vez, por um farmacêutico (René Baudry), que criou, também, uma farmácia (em Paris). Para tanto, Baudry contou com o apoio de dois irmãos gêmeos, ambos igualmente farmacêuticos, que viraram seus sócios. O sobrenome dos irmãos? Boiron. Era o começo da história do que hoje é a maior potência internacional do segmen-

to farmacêutico. Um dos gêmeos, Jean, era o pai de Michèle cuja mãe, Simone, era também farmacêutica e atuou na empresa. A Boiron chega ao Brasil num momento de crescimento da homeopatia, com a sua inclusão no SUS (Sistema Único de Saúde) e com a natural aceitação desse ramo pelos brasileiros, em decorrência da busca por uma compreensão holística do homem, da doença e de sua cura. Michèle Boiron esteve, no Brasil, em agosto de 2006, para lançar os fundamentos de sua empresa, no País. O quartel general da Boiron ficará sediado, em São Paulo, e terá à frente a farmacêutica homeopática brasileira e uma das fundadoras do curso de Farmácia Homeopática da USP (Universidade de São Paulo) Maria Isabel de Almeida Prado. Em São Paulo, Michèle fez palestras, encontrou-se com autoridades e profissionais. De lá, rumou para Salvador, onde a Boiron manteve um estande no 66º Congresso Internacional da FIP. Na capital baiana, mais precisamente na sala de imprensa do Congresso, Michèle deu esta entrevista à revista PHARMACIA BRASILEIRA, quando falou das perspectivas da Boiron para o Brasil e de sua colocação no mercado de todo o mundo. Aqui, medicamentos homeopáticos são todos produzidos, artesanalmente. **Veja a entrevista.**



Entrada da Indústria Boiron Boiron, em Lion (França).

66º Congresso da FIP



Farmacêuticos atuando na preparação de tintura mãe

PHARMACIA BRASILEIRA – A entrada do Laboratório Boiron, no Brasil, trazendo medicamentos homeopáticos industrializados num segmento marcado pela produção estritamente artesanal, vai causar que impacto no universo homeopático?

Mechèle Boiron – Não vai causar impacto nenhum, mas, sim, acompanhar uma evolução global da Farmácia, no mundo. Vamos entrar, no Brasil, aos poucos. O farmacêutico está deixando, cada vez mais, a função de preparar medicamentos, para ser um intermediário entre o paciente e o médico, prestando serviços de orientação.

Prevenir e evitar as contra-indicações numerosas de medicamentos alopáticos são atribuições do farmacêutico, pois ele conhece o paciente e todos os medicamentos. Antes, o foco era o medicamento. Hoje, o foco do novo farmacêutico é o paciente. Esta é uma tendência mundial.

A indústria Boiron, nesse sentido, vai colaborar para que a farmácia de manipulação brasileira atenda sempre às exigências da Anvisa. O primeiro passo que a Boiron está dando, no País, é o de fornecer à farmácia de manipulação um ponto de partida para a segurança e qualidade do medicamento, proporcionando a venda da tintura mãe.

PHARMACIA BRASILEIRA – A senhora já pensou na possibilidade de haver uma reação por parte dos farmacêuticos homeopatas brasileiros contra a vinda do Laboratório Boiron?

Michèle Boiron – Sim, se a Boiron trouxesse para o Brasil o medicamento unitário industria-

lizado. Mas, pelo contrário, a Boiron vai trazer exatamente aquilo de que as farmácias precisam para produzir os seus medicamentos: as tinturas mãe.

Os compostos vão, por sua vez, ser finalmente um complemento da oferta para o farmacêutico. A primeira oferta será a tintura mãe. E os compostos serão, portanto, um complemento.

PHARMACIA BRASILEIRA – A imprensa brasileira e do mundo inteiro publicaram, recentemente, várias matérias questionando a Homeopatia – se ela é ou não uma ciência. E levantaram suspeitas de que age sob efeito placebo. Dra. Michèle, a Homeopatia é uma ciência? Ela evoluiu?

Michèle Boiron – A homeopatia não evolui, em se tratando da quantidade de medicamentos, porque já temos muitos, mas, sim, na maneira de como administrar o medicamento homeopático. Exemplo: quando uma mulher está entrando na menopausa e teve antecedentes de câncer de seio. Não é indicado que ela se submeta a um tratamento hormonal, porque uma das conseqüências desse tratamento é possibilidade de ela desenvolver um outro câncer.

Em vez disso, a mulher pode usar medicamentos homeopáticos. Outro exemplo são os casos das alergias, quando se pode substituir os medicamentos alopáticos pelos homeopáticos.

PHARMACIA BRASILEIRA – Na alopatia, um medicamento originalmente indicado para o tratamento de uma determinada doença pode expandir a sua capacidade terapêutica e sendo recomendado para outros casos, ao longo dos anos. É o caso do ácido acetilsalicílico. No começo, era prescrito apenas como antitérmi-

co, analgésico e antiinflamatório. Hoje, descobriu-se que é também um anti-agregante plaquetário. Na homeopatia, acontece o mesmo?

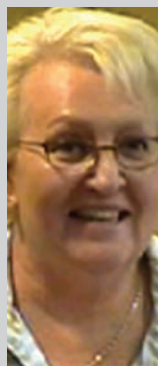
Michèle Boiron – O *lachesis*, por exemplo, tem várias indicações. Há também um medicamento que, antigamente, era indicado apenas para enjôos de transporte (enjôos durante as viagens). Fizemos estudos clínicos e concluímos que ele pode ser também indicado para o enjôo da mulher grávida. Em seguida, nós o testamos, em hospitais, para sabermos de sua viabilidade para os casos de náuseas por quimioterapia e esse mesmo medicamento mostrou-se igualmente eficaz. Trata-se do *Cocculus + Nux vomica + Petroleum + Tabacum*.

PHARMACIA BRASILEIRA – A vinda do Laboratório Boiron tem algo a ver com a política criada recentemente pelo Governo Federal, que inclui a homeopatia no SUS (Sistema Único de Saúde)?

Michèle Boiron – É só uma coincidência. Não planejamos nada disso.

PHARMACIA BRASILEIRA – Com o é ser líder mundial num mercado tão competitivo?

Michèle Boiron – Ser líder mundial não é muito, porque o segmento homeopático representa apenas 1% do mercado mundial de medicamentos. Somos líderes, porque 40% dos franceses utilizam medicamentos homeopáticos, e porque conseguimos distribuir os nossos produtos para 60 países. Mas importa salientar que a empresa está sedimentada sobre um tripé



formado pela pesquisa, pela qualidade e pelos projetos. Esta base dá sustentação à Boiron, para que ela não se perca em seu crescimento. Nossa missão pode ser resumida na seguinte frase: "Para que todos os médicos, no mundo, integrem a Homeopatia em sua prática cotidiana".

Brasil e Taiwan discutem ações contra a gripe aviária

Jornalista Priscila Rangel,
Repórter desta revista.

O Vice-presidente do Conselho Federal de Farmácia (CFF), Edson Chigueru Taki, participou de reunião com o Diretor-Geral do Departamento de Questões Farmacêuticas do Ministério da Saúde de Taiwan, Chi Chou Liao, e com farmacêuticos taiwaneses, para tratar sobre estratégias de defesa contra a gripe aviária. O encontro aconteceu, no dia 28 de agosto de 2006, no Hotel Pestana, durante o **66º Congresso da FIP**. O Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, esteve no local, teve um breve encontro com as autoridades do Taiwan, mas não ficou para a reunião. Tinha outro compromisso, no momento.



O Conselheiro Federal pelo Rio de Janeiro, Jorge Cavalcanti (ao fundo), explica aos taiwaneses as estratégias que poderão ser adotadas pelo Governo brasileiro, caso a gripe aviária entre, no País

ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E COMBATE - O Conselheiro Federal de Farmácia pelo Rio de Janeiro, Jorge Cavalcanti, designado pelo Presidente do CFF, fez uma abordagem do assunto, durante a reunião. Cavalcanti apresentou aos taiwaneses a estratégia que será adotada imediatamente pelo Brasil, caso a gripe aviária chegue ao País, até que se tenha uma vacina que combata a doença.

Ele explicou que a fabricação de uma vacina exige tempo – algo em torno de seis meses. Segundo o Conselheiro pelo Rio de Janeiro, o Brasil adquiriu um estoque, no valor de R\$ 9 milhões, do antiviral Tamiflu, que vem se mostrando eficiente contra os primeiros sintomas da doença. O processo de capacitação de pessoal para a dispensação



Jaldo de Souza Santos e Edson Taki, Presidente e Vice-presidente do CFF (segundo e primeiro da direita) em encontro com a delegação do Taiwan, em Salvador

desse medicamento já foi iniciado e, se necessário, o antiviral poderá ser usado, imediatamente.

A quarentena também poderá ser uma medida adotada, caso a pandemia se instale, no Brasil, afirma Jorge Cavalcanti. Nesse caso, pessoas e regiões com suspeita de contaminação pelo vírus H5NI, da gripe aviária, serão mantidas em isolamento, até que se tenha certeza do diagnóstico. Além disso, o País investirá na divulgação de noções de higiene, com o objetivo de evitar a contaminação.

"A principal função do farmacêutico, em caso de pandemia, é participar da divulgação das informações aos pacientes, prevenindo o pânico e o uso irracional de medicamentos", declarou Jorge Cavalcanti. Chi Chou Liao, ao final da reunião, declarou estar impressionado com a grande semelhança das medidas adotadas pelos dois países, para prevenir o surto e para agir em caso de uma pandemia.

Farmacêutica brasileira é premiada pela FIP

■ LOURENA MAFRA VERÍSSIMO, DO RIO GRANDE DO NORTE, CONCORREU COM FARMACÊUTICOS DE TODO O MUNDO E GANHOU O PRÊMIO PELO TRABALHO QUE APRESENTOU SOBRE ESTABILIDADE DE EMULSÕES NA TERAPIA GÊNICA.

O trabalho apresentando pela farmacêutica brasileira Lourena Mafra Veríssimo, 26 anos, foi escolhido como o "melhor", na categoria Farmácia Industrial, apresentado, no Congresso da Federação Farmacêutica Internacional (FIP) 2006, realizado, em Salvador (BA). "Estudos Preliminares da estabilidade de emulsões que serão utilizadas na terapia gênica" é o título do trabalho da brasileira, que concorreu com outros 50, elaborados por farmacêuticos de todo o mundo.

O objetivo do estudo apresentado por Lourena é promover a estabilidade de emulsões, possibilitando a entrada de DNA nas células para que estas produzam a proteína esperada. Segundo a farmacêutica, o diferencial de seu trabalho é a opção

pelo foco nos conhecimentos de Farmácia e não apenas nos biológicos, como geralmente acontece em pesquisas direcionadas à terapia gênica.

A farmacêutica é graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e integra o Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular da UFRN. Além do certificado de melhor pôster industrial que recebeu da Seção de Farmácia Industrial (IPS) da FIP, Lourena participou de um jantar com farmacêuticos industriais de vários países e ganhou a inscrição para o Congresso da FIP 2007, em Beijing, na China.

"Por ser brasileira, fico ainda mais feliz ao receber este Prêmio, já que, no País, temos tantas dificuldades para conseguir financiamento



Farmacêutica brasileira Lourena Veríssimo teve trabalho premiado pela FIP

para pesquisas científicas", desabafou Lourena Veríssimo.

A Coordenadora do curso de graduação em Farmácia da UFRN, Ana Maria Marinho Andrade de Moura, foi professora de Lourena, esteve presente, durante a entrega do certificado, e ressaltou a grande importância da escolha do trabalho de uma farmacêutica brasileira pela FIP. "Lourena, sempre, foi muito estudiosa, dedicada e comunicativa. Ela mereceu essa vitória", disse a professora.

CFF é convidado a ter participação na direção da Fefas

■ PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO FARMACÊUTICA SUL-AMERICANA, REGINA PEZOA, APELA AO PRESIDENTE DO CFF, JALDO DE SOUZA SANTOS, NO SENTIDO DE QUE ACEITE SER DIRETOR DA FEFAS.

O Presidente do Conselho Federal de Farmácia (CFF), Jaldo de Souza Santos, participou da reunião da Federação Farmacêutica Sul-americana (Fefas), em que foram discutidas as estratégias para melhorar a comunicação entre as entidades que a integram. A reunião aconteceu, na manhã do dia 29 de agosto, no Hotel Blue Tree, em Salvador, durante o Congresso da FIP.

Segundo a farmacêutica chilena Regina Pezoa, Presidente da Fefas, a missão da Federação é promover o desenvolvimento das ciências e da profissão farmacêutica, harmoniosamente, nos países sul-americanos, colocando a ciência a serviço da profissão. Para isso, os congressos anuais da entidade têm sido realizados. O objetivo dos mesmos é promover a troca de experiências e informações entre os farmacêuticos da região.

Regina Pezoa explicou que uma das maiores dificuldades encontradas pela Fefas é a diferença econômica e cultural entre os países que integram o grupo.

Quando questionada sobre a participação do Brasil na Federação, a Presidente faz questão de manifestar sua vontade de ter o Brasil representado por Jaldo de Souza Santos na Diretoria da Fefas. "Jaldo é uma personalidade muito conhecida internacionalmente e é o líder de um conselho muito grande e ativo. Seria muito bom para a Fefas tê-lo como Diretor", declarou Regina Pezoa.

A Presidente entende, também, que o Brasil pode contribuir bastante em questões jurídicas. Segundo ela, a rica documentação mantida pelo CFF e a experiência adquirida com a chegada da Política Nacional de Medicamentos (1998), publicada



lideranças farmacêuticas sul-americanas reúnem-se, em Salvador, durante Congresso da FIP, para discutir estratégia para melhorar comunicação entre países. Presidente do CFF é convidado a assumir diretoria da Federação

pelo Ministério da Saúde do Brasil, são indícios de que o País é o mais bem preparado para estruturar uma comissão jurídica na Fefas.

HONRA - Para Jaldo de Souza Santos, ser convidado a integrar a diretoria de uma instituição tão importante e representativa como a Fefas é uma grande honra. "Lamento não poder fazer parte da Mesa Diretora da Fefas, por falta de tempo, mas aproveito a oportunidade para reafirmar a disposição do CFF em colaborar, sempre, com a Federação, seja em questões jurídicas, na divulgação dos eventos da entidade e na luta pelo crescimento harmonioso da Farmácia, nos países da América do Sul", enfatizou o Presidente do CFF.

Presente de farmacêutico para farmacêutico: a história do CFF e da Farmácia



Ministro da Saúde, Agenor Álvares (esquerda), recebe do Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, um exemplar do livro "Farmacêutico - profissional a serviço da vida"

O Presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos, presenteou o Ministro da Saúde, Agenor Álvares, com o livro **Farmacêutico - profissional a serviço da vida**.

Laçado pelo CFF e de autoria do escritor, jornalista e historiador Hélio Rocha, o livro conta a história do órgão e da profissão farmacêutica, no Brasil. O Ministro, que é farmacêutico, gostou do presente, entregue por Souza Santos, minutos antes de se iniciar a solenidade de abertura do Congresso da FIP, no Centro de Convenções, em Salvador.

CFF homenageia o Ministro da Saúde com a Comenda do Mérito Farmacêutico

O Ministro da Saúde, Agenor Álvares, foi agraciado pelo Plenário do Conselho Federal de Farmácia (CFF) com a Comenda do Mérito Farmacêutico, honraria concedida a quem contribui para o desenvolvimento da Farmácia, no Brasil. Álvares recebeu Comenda, que reúne uma medalha e um diploma, das mãos do Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos. A outorga aconteceu, no ato de abertura do **66º Congresso da FIP**, no dia 27 de agosto de 2006, no Centro de Convenções de Salvador.

"O comunicado do Conselho Federal de Farmácia sobre a outorga da Comenda do Mérito Farmacêutico é duplamente honrosa para o farmacêutico e para o Ministro da Saúde. Como farmacêutico, posso dizer que me sinto orgulhoso, pois percebo que vivemos em um novo tempo. Um tempo em que os profissionais de saúde já desenvolveram a devida percepção da responsabilidade multiprofissional e pluridisciplinar. E essa responsabilidade tem apenas uma prioridade: o respeito ao ser humano", comentou o Ministro Agenor Álvares, em seu discurso.



Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, entrega a Medalha do Mérito Farmacêutico ao Ministro da Saúde, Agenor Álvares